

“Cooperação Sul-Sul em Saúde: desafios para a Fiocruz”

Maíra Fedatto¹

RELATÓRIO

1. Apresentação

O Ciclo de Debates teve como tema a “Cooperação Sul-Sul em Saúde: desafios para a Fiocruz” e contou com a participação do diretor do Centro de Relações Internacionais da Fundação Oswaldo Cruz (CRIS/FIOCRUZ), Paulo Buss, como expositor e do professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (IREL/UnB) e diretor do Instituto Pandiá Calógeras, Antônio Jorge Ramalho da Costa, como debatedor. O dr. José Paranaguá de Santana, assessor do Centro de Relações Internacionais em Saúde e Coordenador do Nethis, atuou como coordenador de mesa.

O Ciclo aconteceu no dia 27 de março de 2014, no Salão Internacional da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) na FIOCRUZ/Rio de Janeiro.

A seguir apresentar-se-ão as ideias principais da exposição bem como as reflexões resultantes do debate. Reflexões estas que poderão ser objeto de estudo e trabalho por este Núcleo tendo em vista sua importância para produção científica que o NETHIS realiza sobre cooperação sul-sul em saúde.

2. Cooperação Sul-Sul em Saúde: Desafios para a Fiocruz

Inicialmente, Paulo Buss apresentou um panorama da conjuntura global – destacando a ascensão de nações e economias emergentes e dos novos arranjos de

¹ Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB). Consultora UNESCO. Pesquisadora no Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (NETHIS/FIOCRUZ/OPAS).



NETHIS

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE
BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE

governança global - bem como das transformações políticas pelas quais passaram os países do Sul², a saber: renovação democrática, nacionalismos progressistas e reinvenção do papel do Estado no desenvolvimento.

Posteriormente, Buss apresentou a situação da saúde nos países de rendimento médio-baixo (PRMB). Dentre os maiores problemas enfrentados por estes países destacam-se: o convívio das Doenças Infecto Parasitárias (DIPs) endêmicas e epidêmicas, como HIV/AIDS, malária e tuberculose; estilos de vida não saudáveis; pobreza, fome e desnutrição; altas taxas mortalidade materna e de crianças menores de cinco anos.

Com efeito, os Sistemas de Saúde nos PRMB possuem baixa capacidade de análise, formulação e implementação de políticas sociais e de saúde. São sistemas frágeis, fragmentados e mal preparados para enfrentar a dupla carga de doença. Mais além, sofrem com deficiências na força de trabalho e de inadequados recursos tecnológicos bem como com a inadequada distribuição dos recursos e com a fragilidade do controle social.

Tendo em vista que dentre as cinco grandes áreas de trabalho da FIOCRUZ está o “Estado e Cooperação Internacional e Saúde”, a Fundação se auto atribuiu um papel no campo global da saúde. Ademais, os sistemas de saúde da maioria dos países pobres não possuem condições de enfrentarem sozinhos a situação social e de saúde vigentes, pois inexistem políticas públicas coordenadas. Portanto, a cooperação internacional em saúde é, antes de tudo, um imperativo ético daqueles que têm condições de oferecer solidariedade internacional.

Paulo Buss frisou ainda a inseparabilidade entre saúde e desenvolvimento. Neste sentido, é importante lembrar que, em 2005, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu a Comissão sobre Determinantes Sociais da Saúde com o objetivo de reduzir as desigualdades de saúde, através da melhora nas condições de vida e do combate à distribuição desigual de poder, dinheiro e recursos. Portanto, ações sobre os determinantes sociais realizadas através de intervenções coordenadas em múltiplos

² Cabe lembrar que, em Relações Internacionais, os termos “Norte” e “Sul” são conceitos políticos e não geográficos.



NETHIS

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE
BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE

setores são essenciais no sentido de, não só melhorar as condições de saúde e reduzir as desigualdades neste âmbito, como também superar outras barreiras ao desenvolvimento no nível nacional ou global.

Assim, o desafio primeiro da Fiocruz é afastar-se do modelo dominante na cooperação internacional em saúde na qual os doadores definem seus objetivos, programas e prioridades, que não essencialmente são adequados às necessidades dos países receptores. Ou seja, oferecem uma cooperação vertical com foco em enfermidades específicas ou problemas de saúde. O desafio da FIOCRUZ é promover a cooperação horizontal ou sistêmica, que se fundamenta no desenvolvimento dos sistemas de saúde.

No que tange a política externa brasileira Buss afirma que a saúde é uma prioridade e está aliada a busca brasileira pela liderança em diversos fóruns internacionais. Sendo importante destacar o papel fundamental na UNASUL e na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa através do Programa Estratégico de Cooperação em Saúde (PECS/CPLP) e da Agenda de Saúde Sul-Americana da UNASUL Saúde.

Neste cenário, para atender as demandas da cooperação internacional da saúde, foi criado, em 2009, o Centro de Relações Internacionais (CRIS), uma instância especializada da FIOCRUZ. Uma unidade especializada em diplomacia da saúde, cujas ações estão em conformidade com a política externa brasileira.

Por último, Paulo Buss apresenta a Cooperação Estruturante em Saúde da FIOCRUZ, que é baseada nos princípios da Declaração de Paris sobre a Eficácia da Ajuda ao Desenvolvimento da OCDE. Entretanto, rechaçam-se os conceitos de doadores e beneficiários, sendo substituído pelo conceito de parceiros. O objetivo desta cooperação é a sustentabilidade técnica e financeira, ou seja, o país – ao final da cooperação – garanta a continuidade das ações. Portanto, a ênfase está nos recursos humanos e no apoio aos sistemas de saúde e suas instituições estruturantes, como os Ministérios da Saúde, as Escolas Técnicas, os Institutos Nacionais de Saúde, as Escolas de Saúde Pública, dentre outras.



NETHIS

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE
BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE

Importante destacar que a cooperação internacional brasileira não possui sustentabilidade jurídica, ou seja, não está amparada por leis, o que dificulta a articulação e a harmonização dos atores. Recomenda-se também buscar uma articulação com agências de doadores tradicionais e agências multilaterais com sede no Brasil para cooperação trilateral.

Concluindo-se, portanto, que apesar dos notórios avanços, ainda são muitos os desafios enfrentados no âmbito da cooperação internacional em saúde.

3. Debate

Principais pontos:

- Dentre os desafios não só da cooperação internacional para a saúde, mas para a cooperação internacional como um todo é o fortalecimento das instituições de governança global.

- Imperativos éticos, porém interesses políticos do Brasil em consolidar a cooperação internacional e contribuir para o fortalecimento da governança global. Transformando o que antes era um jogo de soma zero e um jogo de soma positiva, com benefício para todos.

- Observa-se no cenário internacional um fortalecimento da capacidade política dos indivíduos. Destaca-se, entretanto, um Hiato entre as expectativas dos indivíduos e as capacidades de resposta dos governos.

- Cooperação Brasileira baseada em princípios: solidariedade e compartilhamento de experiências. Reposiciona o Brasil na esfera internacional no sentido de uma maior liderança. Reflexos que podem ser apontados: vitória brasileira nas eleições da FAO e da OMC.

- Hiato entre a expectativa da política externa e a capacidade do Brasil prover a cooperação. A demanda pela cooperação brasileira supera a capacidade de promover.



NETHIS

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE
BIOÉTICA E DIPLOMACIA EM SAÚDE

4. Considerações Finais

O tema do Ciclo de debates é de grande relevância aos estudos que são realizados no NETHIS.

Com efeito, a cooperação horizontal destituída da imposição de condicionalidades, como vem sendo praticada pelo Brasil, pode ser considerada uma evolução em relação à cooperação praticada pelos países desenvolvidos. Entretanto, deve-se distinguir essa evolução de um discurso desprovido de interesses políticos e/ou econômicos.

A cooperação realizada pelo Brasil tem seus próprios objetivos, especificamente a busca em se afirmar como um global player no cenário internacional e consolidar seu protagonismo no plano multilateral. As vitórias brasileiras para diretor na FAO e na OMC podem ser apontadas como reflexos dessa atuação brasileira, especialmente na cooperação, que é baseada na solidariedade e no compartilhamento de experiências.

Entretanto, ainda são muitos os desafios para a cooperação internacional brasileira e para a Fiocruz, no que tange a cooperação em saúde. Promover uma aproximação entre instituições e a academia, bem como debates que reúnam professores, sociedade civil e instituições, são passos fundamentais para a superação dos desafios.